

Bernard Sesboüé, sj

Introdução à teologia

História e inteligência do dogma



Introdução

Este opúsculo é despretensioso. Pretende apenas ajudar o estudante de teologia a se organizar na articulação das disciplinas revestidas da dimensão “teológica”, ou também aquele que busca situar com método e precisão o eixo de sua própria pesquisa em um quadro complexo e relativamente confuso. Estas páginas pretendem fornecer um conjunto de informações referentes a um vasto domínio, tomando por centro gravitacional a teologia dogmática que permanece a grande operadora da disciplina. Mas definir a tarefa própria dessa disciplina demanda situá-la em todo um conjunto em cujo desenvolvimento ela contribuiu amplamente e do qual ela permanece manifestamente solidária.

A teologia dogmática não é o dogma. Ela é a disciplina humana que busca melhor compreender o conteúdo do e os dogmas. Do ponto de vista epistemológico, é possível situar a “ciência de Deus” na ordem das “ciências humanas”, pois ela é formalmente a ciência da relação entre Deus e o homem. Do ponto de vista cristão, ela tem por objeto central o evento histórico relatado na Bíblia e que tem seu ápice na vinda, vida, morte e ressurreição

de Jesus de Nazaré, proclamado pelos cristãos Cristo e Senhor, e adorado como Deus. Esse evento se prolonga em outra história, a da Igreja, da qual Jesus de Nazaré é simultaneamente fundador e fundamento. Por essa dupla razão, a teologia cristã é amplamente uma história, ciência do homem por excelência.

O termo dogma situa-se na nascente da teologia. Ele exprime o ou os conteúdos da fé. Esse termo pode ser empregado de maneira genérica para designar o conjunto da dogmática cristã. Pode também ser tomado em um sentido particular, em que determinado dado da fé será considerado como um dogma, por exemplo, o dogma da encarnação. Nesse sentido, o dogma global torna-se um conjunto complexo, mas orgânico, de dogmas diferentes. Cada dogma remete-se a um conteúdo da revelação divina e sua proposição é normativa. Ele requer a adesão de fé daquele que pretende pertencer à Igreja. O fiel tem o direito de procurar compreendê-lo da melhor maneira possível. Mas ele dispõe de uma certa liberdade em sua maneira de interpretá-lo. Em definitivo, ele deve se vincular a uma interpretação oficialmente admitida. Pode, entenda-se bem, apresentar uma ou muitas dúvidas sobre tal ou tal afirmação da fé e deve, então, buscar conhecer tais realidades mais profundamente e melhor compreendê-las, além de certas apresentações elementares e, por vezes, caricaturais. Algumas dúvidas podem igualmente ser fruto da ignorância. Se alguém se sentir definitivamente incapaz de admitir uma afirmação fundamental, deveria interrogar-se acerca do estatuto e da significação de sua pertença à Igreja.

Essa normatividade do dogma para o crente, sendo algumas vezes afirmada com alguma ênfase, está na origem da caricatura que se desenvolveu em torno desse vocabulário. Pensa-se, de tal

modo, que um dogma é aquilo que se quer impor aos outros, por autoridade, e sem referência às razões que o sustentam. Uma pessoa dogmática é aquela que jamais admite errar e que coloca obrigação em tudo. Esse sentido pejorativo é amplamente difundido e empregado. É assim que o *Petit Robert* dá, ao termo “dogmático”, este terceiro significado:

3) Corrente. Que expressa suas opiniões de maneira peremptória, absoluta, categórica, doutrinária, sistemática. *É um espírito dogmático. Ele é muito dogmático.* Afirmativo. Por extensão: *tom dogmático.* Doutoral, pedante, pretensioso, sentencioso.

Vê-se o perfil esboçado: trata-se de uma pessoa que sustenta uma proposição, pretendendo escapar *a priori* de qualquer debate racional, bem como impô-lo aos outros sem contestação possível. Ora, o dogma cristão, e sobretudo o dogma católico, impõe-se à fé além de qualquer prova. Alguns teólogos da tradição certamente abusaram dessa referência à obrigação de crer, a fim de escapar da difícil tarefa de elaborar a racionalidade própria ao ato de crer. Essa relação à normatividade do crer sempre será delicada de ser vivida com um equilíbrio sadio, mas ela não pode ser ignorada por causa de proveitos e perdas. Será preciso, portanto, dela dar conta saindo da derrisão bem como do simples processo de tendência.

O que é *teologia dogmática*? O termo atualmente se tornou objeto de certa confusão. Muitas são as suas causas. A primeira provém da multiplicação atual dos teólogos “especializados”. É claro que hoje os estudos bíblicos são cada vez mais numerosos, têm cada vez mais sucesso, porque propõem um contato com a fonte da fé e, muitas vezes, retomam com pertinência um conteúdo

propriamente teológico. As disciplinas teológicas conhecem, por sua vez, uma grande especialização. A intervenção das ciências humanas em seu projeto modificou profundamente as coisas. Elas se multiplicam, tanto por especificar um conteúdo particular, como a teologia de tal ou tal autor, ou a teologia de uma época, quanto para elaborar um novo conteúdo, tal como a teologia prática, cujo nascimento recente vale saudar aqui, bem como o fato de já estar em desenvolvimento. Elas o fazem ainda para exprimir uma contextualização original do sujeito, por exemplo, a teologia da libertação, a teologia feminista, a teologia asiática, ou mesmo uma “cristologia escrita do ponto de vista das vítimas” (J. Sobrino). Uma segunda razão provém da dificuldade de abordar hoje uma exposição de conjunto do conteúdo da fé, construído com um senso sistemático e tomando posição a respeito do todo como tal. Um autor sempre tem a inquietação de não poder responder às múltiplas expectativas que se apresentam e prefere deter-se num conteúdo particular, mas que se tornou objeto de uma sensibilização no quadro da modernidade. O século XX conheceu empreendimentos dogmáticos de grande importância e bem distintos das dogmáticas propriamente escolares, como a grande *Dogmática* de Karl Barth ou o *Tratado fundamental da fé* de Karl Rahner. Mas essas obras grandiosas são já datadas e não foram substituídas por obras equivalentes, ainda que diversos autores ainda tenham coragem de intitular suas obras de *Dogmática*, como Tillich, ou *Teologia sistemática*, como Pannenberg.¹

¹ Notemos a sinonímia prática entre as duas expressões: “teologia dogmática” e “teologia sistemática”. O que na França é denominado de teologia dogmática, na Alemanha é chamado de teologia sistemática. A primeira expressão sublinha a relação

Pode-se, portanto, interrogar de modo legítimo acerca do futuro da teologia propriamente dogmática. Tem ela um futuro? Ou deve conhecer um tempo de silêncio relativo e de pausa, antes de poder renascer de si mesma? Essa questão prospectiva será objeto do último capítulo.

A finalidade desta obra situa-se em um nível voluntariamente elementar. Ela deseja simplesmente esclarecer os conceitos em causa e situar a teologia dogmática à luz de seu passado, que não é reduzido, de suas grandes realizações de seu presente, mostrando o estatuto das grandes sínteses ainda contemporâneas, e de seu futuro, na medida em que é possível lançar um olhar para o céu e prever o que nos reservam as estrelas.

entre exposição teológica e o dogma como sua norma; a teologia sistemática pretende unificar a proposição dogmática sob um ponto de vista especulativo particular (por exemplo, uma teologia da história) ou em função de um método privilegiado (por exemplo, uma teologia dialética).